

ENTRE JERUSALÉM E AXUM: JUDEUS ETÍOPES E CRISTIANISMO NA ANTIGUIDADE

BETWEEN JERUSALEM AND AKSUM: ETHIOPIAN JEWS AND CHRISTIANITY IN ANTIQUITY

Deniro Duarte Machado³⁶

Artigo recebido em 29 de julho de 2025

Artigo aceito em 12 de junho de 2025

Resumo: Este artigo analisa as conexões históricas, culturais e religiosas entre Jerusalém e o Reino de Aksum, buscando compreender a presença judaica na Etiópia antiga e sua posterior transição para o Cristianismo. O artigo também contextualiza o Reino de Aksum e sua inserção no mundo antigo, destacando sua posição estratégica nas rotas comerciais afro-mediterrânicas e suas relações com o Oriente Próximo.

Palavras-chave: Etiópia; Aksum; Judaísmo africano; Cristianismo etíope; Beta Israel; Mediterrâneo.

Abstract: This article analyzes the historical, cultural, and religious connections between Jerusalem and the Kingdom of Aksum, aiming to understand the Jewish presence in ancient Ethiopia and its subsequent transition to Christianity. The study also contextualizes the Kingdom of Aksum and its integration into the ancient world, highlighting its strategic position along Afro-Mediterranean trade routes and its relations with the Near East.

Keywords: Ethiopia; Aksum; African Judaism; Ethiopian Christianity; Beta Israel; Mediterranean.

Introdução

Falar sobre a África, por si só, constitui um esforço necessário e urgente, sobretudo diante das formas como o continente foi historicamente representado, muitas vezes por narrativas externas que o reduziram a um papel secundário ou o descontextualizaram de sua própria espacialidade e agência histórica. Como observa Furlani (2019), “o passado africano é pouco explorado, sendo, muitas vezes, reduzido a um papel secundário ou até mesmo descontextualizado de sua espacialidade.” Por essa razão, é fundamental compreender a África em seu contexto próprio e, ao mesmo

³⁶ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Espacialidades (PPGHCE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orientador: Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz. Email: deniro-duarte@hotmail.com. Identificador ORCID: 0009-0001-0112-7156.

tempo, analisá-la em articulação com outras regiões, como o Mediterrâneo e o Oriente Próximo, evitando a reprodução de leituras eurocêntricas ou imperialistas.

A relação entre a África e o Mediterrâneo é antiga, complexa e multifacetada, envolvendo aspectos geográficos, históricos, comerciais e culturais. Embora o norte do Saara seja tradicionalmente associado à chamada África Mediterrânea, a conexão entre essa região e a África subsaariana é histórica e profunda, como demonstra o caso da Etiópia. Essa civilização africana estabeleceu vínculos diretos com povos do Mediterrâneo oriental, como os gregos, e alguns de seus líderes dominavam inclusive o idioma grego, evidenciando o grau de intercâmbio cultural existente.

A posição geográfica da África, especialmente de regiões como o Chifre Africano, conferiu-lhe grande relevância estratégica no comércio mediterrâneo e intercontinental. Soares (2019, p. 89) destaca:

"O topônimo Maghreb refere-se, mais comumente, à parte ocidental do Norte da África. Sua origem, de ascendência árabe, acaba por revelar as intensas relações comerciais que os primeiros povos da região estabeleceram, em época recuada, com o Oriente, mas também com a Península Ibérica, assim como com a região do Mediterrâneo Central."

Este artigo tem como objetivo investigar, sob as perspectivas cultural e religiosa, os vínculos históricos entre Jerusalém e o antigo reino de Aksum. Tal conexão não se restringe ao campo comercial ou político, mas inclui elementos simbólicos e espirituais que perduram até os dias atuais, especialmente na formação da identidade dos judeus etíopes, conhecidos como Falashas, ou, como preferem ser chamados, Beta Israel.

Serão analisadas as principais teorias e narrativas que buscam explicar a origem da presença judaica na região de Aksum, bem como os desdobramentos históricos e sociais dessa presença. Também examinaremos a inserção do Reino de Aksum no mundo antigo, sua importância geopolítica e cultural, e sua relação com as dinâmicas do Mediterrâneo e do Oriente Próximo.

O foco principal estará no legado religioso que conecta hebreus e etíopes, abordando o modo como os Beta Israel compreendem sua própria identidade religiosa e como se inseriram na sociedade axumita. Por fim, o trabalho discutirá o surgimento e o desenvolvimento do Cristianismo em Aksum e suas interações com o Judaísmo, tanto no contexto etíope quanto nas influências advindas de Jerusalém.

Espera-se, assim, contribuir para a valorização e a recuperação de uma dimensão da história africana frequentemente negligenciada, ressaltando a complexidade das conexões sociais, culturais e espirituais que atravessaram e ainda atravessam o espaço mediterrânico e africano.

A presença judaica na Etiópia Antiga

Falar no Judaísmo Etíope é falar sobre a relação intrínseca que existe entre o Antigo Oriente Próximo, e o continente africano. Para que se possa entender como essa relação existe, precisamos mostrar como ela começou, e só então desenvolver as relações existentes entre judeus e judeus etíopes, ou Falashas.

Como já dito, o mar Mediterrâneo é central na ligação entre África e Oriente Próximo, uma relação que mostra um papel não apenas comercial, mas também religioso. A origem dos Falashas é rodeada de teorias, e também de tradição oral, o que nos faz entender que sua origem é de difícil localização, o que não tira o fato de que muitos já procuraram à origem exata, mostrando a importância do tema, como nos mostra Kaplan (1992) a questão das origens do Beta Israel foi durante muito tempo investido de uma aura de relevância raramente atribuída a problemas da história antiga.

De acordo com o museu judaico de Londres (2018) Desde o início, uma comunidade judaica foi estabelecida na Etiópia algum tempo após a destruição do primeiro templo por volta de 587 a.C. Porém não podemos ter total certeza, e sua origem permanece um verdadeiro mistério. Já na tradição oral, temos a afirmação por parte dos Falashas (Beta Israel) que descendem de Manelik I, cuja mãe era a rainha de Sabá, a qual teve um encontro com Salomão, e assim tem início suas relações entre Judeus e Etíopes.

A presença Judaica na Etiópia por tanto é um fato, ainda que muito, ainda precisa ser decifrado. Não é atoa que hoje os Falashas são um grupo Étnico do continente africano, como nos mostra J. Abbink (1990) foram reconhecidos como uma "nacionalidade" na Constituição etíope de 1986.

A presença dos Falashas existe a muito na Etiópia desde a Antiguidade no reino de Cuxe e Aksum, tendo sua relação com os Israelitas ainda mais íntima, onde não só interagem de forma geográfica mas também com os manuscritos bíblicos do Antigo

Testamento. Inúmeras são as citações com as palavras "Cuxe e Etiópia" na Bíblia, como por exemplo:

Isaías 18:1-2, que fala de barcos de papiro navegando além dos rios de Cuxe, pode muito bem ser baseado em informações de testemunhas oculares. 36 Isaías 11:11, Salmo 87:4 e Sofonias 3:10 parecem indicar que existia uma comunidade da diáspora em Cuxe (KAPLAN, 1992, p.21).

Os elementos judaicos na cultura Axumita são claros a partir da terra que os escritores bíblicos consideram como "Cuxe". Os Falashas têm uma grande relação com os Hebreus, e a sua existência é praticamente uma relação intrínseca do Mediterrâneo, que liga o Oriente Próximo e o continente africano.

A relação do Judaísmo de Jerusalém na Etiópia é também sobre tradições cerimoniais, onde os Falashas replicam elementos da cultura Judaica em suas comunidades. Segundo J. Abbink (1990) Os Falashas celebram a maioria dos festivais e jejuuns mencionados na Torá, observam tabus alimentares e oferecem sacrifícios, por exemplo, na Páscoa (Fasika). Até mesmo a prática da circuncisão, como feita pelos Judeus, no oitavo dia depois do nascimento, é feito pelos Beta Israel na Etiópia, mostrando que a relação étnica e religiosa é mais profunda do que se imagina.

Ao mesmo tempo em que temos semelhanças, também temos diferenças entre os Judeus de Jerusalém e os Judeus Etíopes, o que faz os Falashas terem uma identidade única no quesito religioso, como por exemplo, a questão da existência de outros judeus, isso mesmo, muitos Falashas já acreditaram que eram os únicos judeus existentes, e que não havia outros em outras regiões, isso se deve ao fato do isolamento aos quais os Beta Israel viveram, isolamento esse até mesmo dos cristãos da Etiópia.

A liderança Falasha também difere do Judaísmo de Jerusalém, como mostra Gonchel (2023) a autoridade religiosa suprema dos judeus etíopes era conhecida em Tigrínia como bahtawi (amárico: melokse) uma espécie de sumo sacerdote. Os Bahtawi isolavam-se de sua comunidade em nome da pureza, até mesmo o contato físico com o Bahtawi exigia um ritual de purificação, e até mesmo uma vida familiar esses líderes, se privavam o que difere dos judeus de Jerusalém onde seu sumo sacerdote poderia casar-se e constituir família, mas com restrições.

Os textos escritos pelos Falashas, não eram em Hebraico, o que acredita-se ter se perdido entre os Judeus Etíopes, partindo da premissa da Diáspora é claro, pois

como já foi dito não podemos ter total certeza de sua origem. O texto compartilhado entre os Falashas é o ge'ez "que compartilha uma parte significativa de seu léxico com o hebraico e outras línguas semíticas. (Os textos da Igreja Etíope também são escritos em ge'ez e têm status semelhante.)" (GONCHEL, 2023)

A questão do ge'ez também explica como a Bíblia foi traduzida na Etiópia, pois os tradutores tinham deveriam saber Hebraico, ou no mínimo entender. Essa língua foi compartilhada pela igreja etíope que também tem elementos judaizantes.

Como afirma também Gonchel (2023) "O texto mais sagrado para o Beta Israel é também o livro fundamental do judaísmo em grande escala: a Torá. É chamado de Orit, remanescente da palavra aramaica para a Torá, Orayta." O Orit por tanto era a "Torá dos etíopes" e uma diferença entre ambas é que, a Torá era lida de forma semanal, já o Orit não, e o livro mais lido por eles, os Falashas, eram os Salmos.

O Talmud, livro que sistematizou a religião judaica atual, que veio a surgir a partir da pessoa do Rabino Yohanan ben Zakkai, depois do cerco de Jerusalém pelos Romanos em 70 d.C, não foi conhecida dos Judeus Etíopes. Segundo o Registro Afro-americano [s.d.] "Nunca aprenderam sobre o Talmude, a codificação da lei oral do judaísmo, ou sobre qualquer uma das tradições pós-bíblicas, como o feriado de Chanucá".

Assim como os herdeiros do judaísmo rabínico, os judeus etíopes possuem várias leis e costumes que não estão na Orit. Entre eles, está o Sigd, uma celebração que marca a renovação anual da aliança entre Israel e Deus; o Jejum de Ester; e tradições intensas de luto pelo Templo. Diferente do judaísmo rabínico, que baseia suas práticas extras na Torá por meio do Midrash, os judeus etíopes acreditam que todas essas tradições vêm diretamente do período bíblico. Os Beta Israel se veem como guardiões de uma herança que remonta à época bíblica, ainda que seu modo de vida antigo não seja mais possível em Israel (GONCHEL, 2023).

O livro Kebra Nagast ou a glória dos Reis, pode explicar também a relação entre Israel, Etiópia e Cristianismo na África. O Kebra Nagast é um livro muito importante para os etíopes, que segundo Erlich (2013) "era central para o ethos nacional da Etiópia".

O livro tenta traçar uma ligação desde os períodos bíblicos, a partir de Salomão e a rainha de Sabá, até a chegada à Etiópia, fazendo do Kebra Nagast uma literatura

importantíssima para entender a relação entre Jerusalém e os Beta Israel, pois tinha como objetivo "consagrar os líderes da Etiópia, A Glória dos Reis enfatizou a afinidade direta e a identificação entre o povo etíope e o antigo povo de Israel." (ERLICH, 2013).

A narrativa da Glória dos Reis é uma literatura que pode mostrar a relação intrínseca e íntima entre judeus de Jerusalém e judeus da Etiópia ou antiga Aksum. Diante da literatura do Kebra Nagast, do nacionalismo unificado da Etiópia, e toda sua relação com o Oriente Próximo, podemos ver, de acordo com Erlich (2013) "a Etiópia não pode ser entendida sem referência à sua afinidade com o Antigo Testamento." Isso nos mostra a ligação dos Axumitas com os Israelitas, e seu significado no mundo antigo, e como elementos hebraicos mostram entendimento sobre essa sociedade, como também conhecê-la melhor.

A relação entre os Judeus e os Falashas é enorme, isso se deve ao fato que até nas diferenças a semelhanças com os Israelitas, mas claro, apesar do judaísmo com características independentes. Apesar de que podemos encontrar também comparações entre a cultura etíope e a judaica, que segundo o Rabino etíope Dr. Sharon Shalom:

Entre os estudos recentes, encontramos uma tentativa de comparar os costumes da comunidade etíope praticados hoje com os costumes antigos praticados entre o povo judeu. Entre esses estudos, encontramos a afirmação contundente de que a comunidade Beta Israel foi excluída do desenvolvimento haláchico com base nas decisões dos Sábios. Em outras palavras, a Beta Israel foi completamente alheia aos eventos históricos fundamentais que acompanharam o desenvolvimento do povo judeu após a destruição do Segundo Templo. (SHALOM, 2016)

A relação dos Falashas também faz ligação com um outro aspecto dentro do continente africano, que novamente começa em Jerusalém, que é a fé cristã.

O Reino de Axum e sua inserção no mundo Antigo

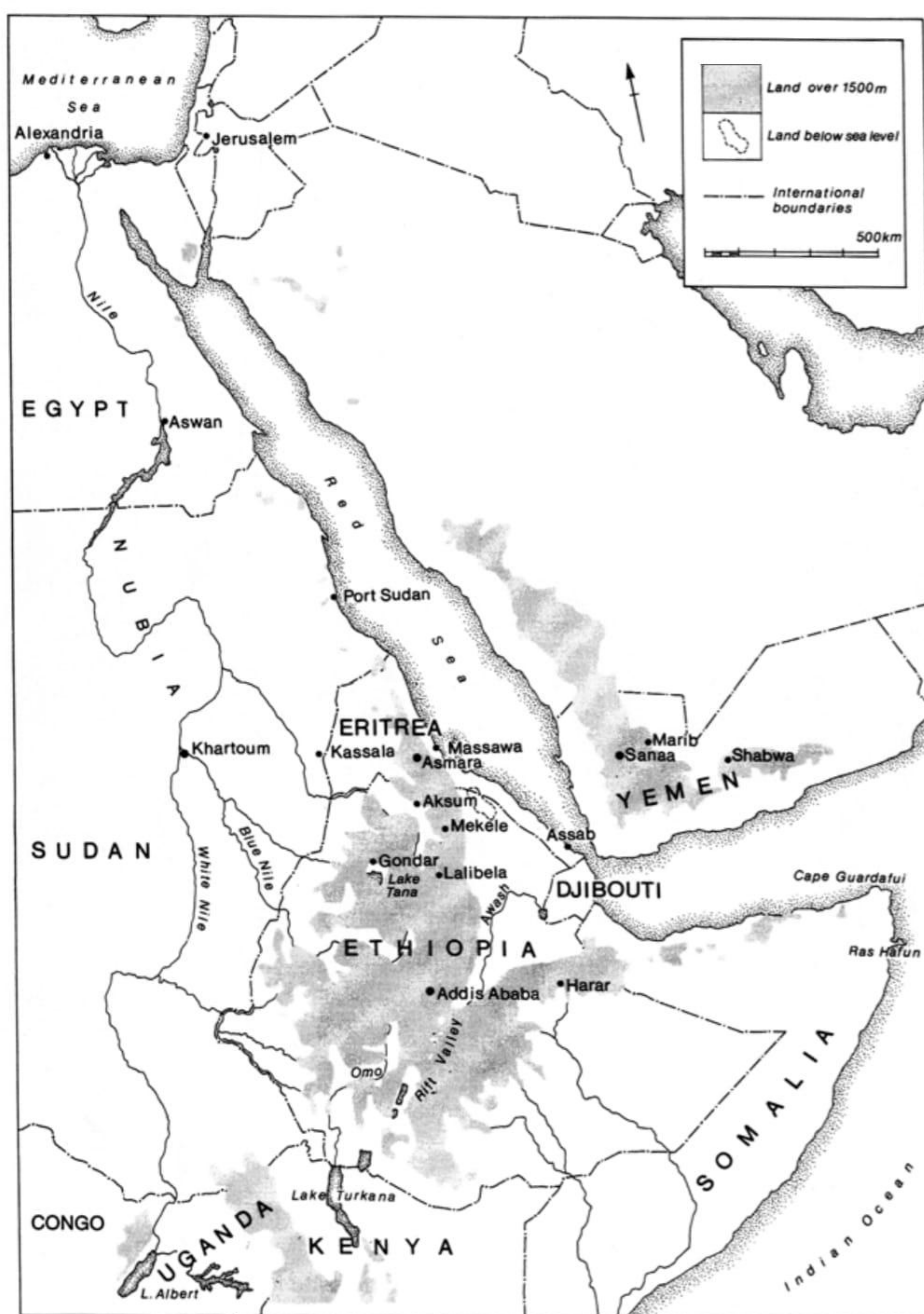


Figura 1: O Chifre Norte da África e regiões adjacentes

Fonte: PHILLIPSON, David. **Foundations of an African Civilisation Aksum & the northern Horn 1000 BC - AD 1300**. James Currey, 2012. Fig. 1

Aksum ou Axum, foi um reino e império cuja localização é onde está hoje a Etiópia, e foi muito importante no mundo antigo, principalmente em questões comerciais. O comércio em grande medida foi o que levou o contato de Aksum com Hebreus e outros povos da Antiguidade, como os gregos por exemplo.

O Reino de Aksum, localizado ao norte da Etiópia, é um elemento chave para compreender a questão dos judeus etíopes, e sem ele não conseguimos fazer um bom

resultado sobre os Falashas, como nos mostra Kaplan (1992) "A busca pelas origens do judaísmo etíope começa no antigo reino de Aksum". Entender a inserção de Axum no período da Antiguidade é conseguir compreender como foi formado os Beta Israel, justamente porque existe uma interação desde o período pré-axumita, então era só questão de tempo que ambos os povos fossem ter algum tipo de interação.

Desde o início do reino de Aksum, havia uma interação com o mundo antigo do Mediterrâneo, o que fazia também este reino interagir com outros do continente africano que também tinham relações com o Mediterrâneo e suas sociedades, como foi o caso de Axum e a Núbia, como mostra Kaplan (1992) "laços culturais e comerciais parecem ter se desenvolvido com o vale do Nilo, particularmente o reino núbio de Meroé".

Situada nas terras altas do norte da Etiópia, Aksum simbolizava a riqueza e a importância da civilização do antigo reino Axumita, que existiu do século I ao VIII d.C. O reino situava-se na entre três continentes: África, Arábia e o mundo greco-romano, o reino de Aksum era uma verdadeira potência, pois rivalizava com o Império Romano do Oriente e a Pérsia. Também Comandou o comércio de marfim com o Sudão, e suas frotas controlavam o comércio do Mar Vermelho através do porto de Adúlis, e até mesmo controlava as rotas interiores no nordeste da África (UNESCO, 2008).

A localização geográfica privilegiada do Reino de Aksum garantiu sua inserção destacada nas redes comerciais intercontinentais que conectavam o interior do continente africano ao Mediterrâneo e ao Oceano Índico. Por meio dessa posição, mercadorias de alto valor como marfim, ouro e ébano escoavam de seus entrepostos em direção a centros urbanos da Ásia, da Península Arábica e do Império Bizantino. Em sentido inverso, chegavam ao reino artigos de luxo como tecidos requintados, vinhos, especiarias e bens de prestígio, evidenciando a presença de uma elite aristocrática sofisticada e integrada aos circuitos de consumo da antiguidade tardia.

Diversas são as fontes da Antiguidade sobre Aksum. Como mostra Munro-Hay (1991) o autor romano Plínio, o Jovem, em sua obra *Naturalis Historia*, concluída por volta de 77 d.C., faz referência ao porto de Adulis, no Mar Vermelho, como o principal ponto de contato de Aksum com o comércio internacional. Já no século VI, a campanha militar do rei Kaleb ao Iêmen despertou amplo interesse no mundo cristão. Embaixadores enviados por Justiniano registraram suas experiências diplomáticas,

incluindo descrições da corte Axumita. Um desses relatos, atribuído a Malalas, descreve uma audiência com o rei. Outro observador, Kosmas Indikopleustes, esteve na Etiópia pouco antes da expedição e, a pedido do governador local, copiou uma inscrição em Adulis para ser enviada ao rei. Esse material, junto a outras observações sobre a vida em Aksum, foi preservado em sua obra Topografia Cristã.

Axum foi muito importante para o cenário intercontinental no mundo antigo, isso deve ao fato de aspectos econômicos naquele período, pois o reino em questão produz agora sua própria moeda, colocando-os no cenário mundial para aquela época, ficando em pé de igualdade com reinos da época que também produziam.

Aksum foi um reino crucial para a história da Antiguidade africana, assim como a Núbia e muitos outros. Aksum também é importantíssima para entender as relações judaicas e cristãs, sendo também de igual modo para a história dos Beta Israel.

Aksum e os Judeus

Devido ao cenário geográfico do Mediterrâneo, e ao cenário econômico intercontinental que Aksum se encontrava, não é difícil concluir a relação desde cedo entre Judeus e Etíopes, como mostra Como mostra Phillipson (2012, p.47) "Em sua fase inicial, o reino Axumita era uma entidade geograficamente restrita que posteriormente expandiu significativamente seu território para incorporar diversas populações até então distintas."

O Reino de Aksum é fundamental para entender o judaísmo etíope, nas palavras de Kaplan (1992) "A busca pelas origens do judaísmo etíope começa no antigo reino de Aksum." A origem dos Falashas está intimamente ligado a esse reino, e como já vimos, o reino está conectado ao Mediterrâneo, mostrando que o continente africano o é mais complexo do que parece.

Podemos também entender que essas relações vão muito além do comércio e economia, pois assim como a religião é um aspecto forte na África, assim também é no Oriente Próximo, e no caso dos judaísmo ou elementos judaicos na Etiópia não foi diferente, como mostra Phillipson (2012) "Durante o século VI, vários reis Axumitas adotaram nomes – por exemplo, Kaleb, Israel, Gersem – que foram derivados do Antigo Testamento".

Desde a monarquia, a política, os costumes, e as crenças, tinham relação com a Bíblia, e por tanto tinha relação com o Judaísmo, como também teria com o Cristianismo em um tempo depois. Axum foi um reino com profundas raízes cristãs, e ignorar esse fato é um problema para historiografia. Assim como mostra Kaplan (1992) "O impacto avassalador do padrão bíblico e hebraico na cultura etíope antiga é inegável".

Negar o aspecto religioso judaico-cristão da Etiópia, bem como do continente africano, é um erro. Muitos acadêmicos têm feito isso, tem ignorado ou até mesmo sem conhecer, contam uma narrativa que não condiz com os fatos, e na tentativa de subestimar essas características, isso retira uma grande parte da história africana, devido ao tempo em que Judeus e Cristãos estão no continente africano, que é há muito tempo.

Entender as relações entre a África e Jerusalém, bem como entre Aksum e o judaísmo, é de suma importância, pois ignorar esse dado histórico significa negligenciar a complexidade das interações religiosas, políticas e culturais que moldaram o mundo antigo e suas continuidades.

A presença de tradições judaicas na região do Chifre da África, como exemplificado pela comunidade dos Beta Israel, bem como as narrativas que vinculam os Axumitas aos Hebreus, revelam uma confluência de memórias históricas e tradição que articulam identidades locais com centros simbólicos do mundo hebraico e cristão.

Ao silenciar essas conexões, corre-se o risco de perpetuar uma visão deturpada da história, e das relações religiosas, bem como da formação das civilizações, obscurecendo o protagonismo africano em processos históricos globais.

Além disso, a marginalização dessas histórias compromete a compreensão das origens do cristianismo africano e da diversidade religiosa no continente. Reintegrar Aksum e suas relações com Jerusalém e o judaísmo à narrativa histórica mais ampla é, portanto, um passo fundamental para uma historiografia mais profunda, crítica e mostra a pluralidade de vozes que compuseram o mundo antigo.

Da tradição judaica à cristã: a conversão e seus desdobramentos

O reino de Axum é curioso com relação a questão dos judeus, pois ao mesmo tempo que os perseguia, também incorporava elementos judaizantes. Falar da Etiópia,

é falar de um legado de milênios que envolve judaísmo e também cristianismo, era só uma questão de tempo até que o cristianismo chegasse lá, uma vez que o reino abrigava um grupo Étnico de judeus etíopes e consequentemente monoteístas.

Falar do Cristianismo Etíope é também falar do Cristianismo Africano, uma temática que foi esquecida, principalmente no Brasil, devido a atitude de muitas camadas da sociedade acadêmica, o que faz ainda mais ser urgente uma historiografia sobre o Cristiano Africano.

A Bíblia continua sendo fundamental na análise dos judeus e cristãos etíopes pois possui um papel central na religiosidade etíope, pois o Antigo Testamento mantém uma posição de destaque singular na religiosidade e nas práticas culturais do cristianismo etíope, assumindo um papel mais central do que em outras tradições cristãs. Essa ênfase está enraizada na concepção, amplamente difundida entre os etíopes, de que o Novo Testamento foi acolhido por uma nação que já vivia, desde a Antiguidade, segundo os preceitos e valores do Antigo Testamento. Tal perspectiva confere continuidade histórica e legitimidade espiritual à identidade religiosa etíope, vinculando-a a uma herança veterotestamentária profundamente internalizada (ERLICH, 2013).

Outro aspecto da relação entre Beta Israel e cristãos etíopes é a questão da perseguição, o qual foi causado pela monarquia cristã etíope, e pela igreja, mas "pequenos grupos de ayhud ("judeus" ou "grupo judaico") na região noroeste resistiram à conversão e se rebelaram esporadicamente" (QUIRIN, 1992, p.40) e assim fazendo com que grupos marginalizados de Beta Israel fossem criados obrigando-os a se isolarem em lugares distantes, pois também perderam suas terras. Os cristãos que não concordaram com questões Teológicas da própria Igreja se uniram a esses judeus, e então a partir daí surge a comunidade dos Falasha em Aksum como mostra Quirin:

Dessa mistura de grupos ayhud preexistentes e novas influências da Ortodoxia (que, por sua vez, tinha um fundo fortemente judaico), surgiu uma comunidade conhecida como Falasha, com uma identidade religiosa, étnica e econômica distinta. Como o Estado se apoderou das terras hereditárias dos ayhud, os Falasha compensaram a situação tornando-se artesãos qualificados, continuando a trabalhar a terra como arrendatários (QUIRIN, 1992, p.40)

Conclusão

A análise da presença judaica na Etiópia antiga quer de forma direta ou indireta, revela que o Judaísmo não foi apenas um elemento exógeno, mas sim uma tradição

que se enraizou de forma profunda e adaptada ao contexto cultural local. A constituição do grupo conhecido como Beta Israel demonstra como a tradição hebraica foi vivenciada e ressignificada no espaço africano, assumindo características singulares em relação ao Judaísmo praticado em outras regiões.

O Reino de Aksum, por sua vez, destacou-se não apenas como uma potência comercial e política, mas também como um centro de articulação entre culturas e religiões. Sua localização estratégica e a capacidade de diálogo com povos do Mediterrâneo e do Oriente Próximo o colocaram em posição privilegiada nas dinâmicas intercontinentais da Antiguidade. A fluência de seus líderes em idiomas estrangeiros e a adoção de práticas religiosas externas sem abandono da identidade local evidenciam a complexidade da experiência Axumita.

A conversão oficial de Aksum ao Cristianismo, no século IV, marcou uma inflexão profunda no panorama religioso da região, mas não apagou os vestígios da tradição judaica. Pelo contrário, aspectos do Judaísmo continuaram a exercer influência sobre a espiritualidade etíope.

Compreender esse percurso, da presença judaica à consolidação cristã, é essencial para valorizar a diversidade religiosa da África. A Etiópia, e particularmente o Reino de Aksum, emerge assim como um exemplo notável de integração entre fé, cultura e poder no continente africano antigo.

Referências Bibliográficas

AAREGISTRY. Ethiopian Jews: rich past, rich future. Disponível em: <https://aaregistry.org/story/ethiopian-jews-rich-past-rich-future/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BREAKING MATZO. Who are the Cohenim? The story of the Jewish priests. Disponível em: <https://breakingmatzo.com/philosophy/who-are-the-cohenim-the-story-of-the-jewish-priests/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

ERLICH, Haggai. Islam, Christianity, Judaism, and Ethiopia: The messages of religions. Jerusalém: The Nehemia Levtzion Center for Islamic Studies; The Institute for Asian and African Studies, Hebrew University of Jerusalem; Tel Aviv University, 2013.

FURLANI, João Carlos (org.). África no mundo antigo: possibilidades de ensino e pesquisa. São Paulo: Hucitec, 2019.

KAPLAN, Steven. The Beta Israel: Falasha in Ethiopia from earliest times to the twentieth century. Nova York: New York University Press, 2020.

MUNRO-HAY, Stuart. Aksum: an African civilisation of late antiquity. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991.

MY JEWISH LEARNING. Johanan ben Zakkai. Disponível em: <https://www.myjewishlearning.com/article/johanan-ben-zakkai/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

OXFORD BIBLIOGRAPHIES. Ethiopian Christianity. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199840731/obo-9780199840731-0037.xml>. Acesso em: 29 jul. 2025.

PHILLIPSON, David W. Foundations of an African civilisation: Aksum and the northern Horn, 1000 BC–AD 1300. Suffolk: James Currey, 2012. (Eastern Africa Series, 1).

QUIRIN, James Arthur. The evolution of the Ethiopian Jews: a history of the Beta Israel (Falasha) to 1920. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992. (Ethnohistory Series).

SEFARIA. From Sinai to Ethiopia: In the State of Israel; Rebuilding after the Destruction. Disponível em: https://www.sefaria.org/From_Sinai_to_Ethiopia,_Introduction,_In_the_State_of_Israel%3B_Rebuilding_after_the_Destruction. Acesso em: 29 jul. 2025.

TABLET MAGAZINE. The Ethiopian Jews and their sacred scripture. Disponível em: <https://www.tabletmag.com/sections/history/articles/ethiopian-jews-sacred-scripture>. Acesso em: 29 jul. 2025.

UNESCO. Aksum. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/15/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

UNESCO. História Geral da África II: África Antiga. São Paulo: Ática, 2010. (Coleção História Geral da África da UNESCO).

101 LAST TRIBES. Falasha – The Black Jews of Ethiopia. Disponível em: <https://101lasttribes.com/tribes/falasha.html>. Acesso em: 29 jul. 2025.